

# ARQUITETURA do FRAGMENTÁRIO

---

A História resgata o papel  
político da princesa  
Leopoldina

---

*Cid Seixas*

Quando as tropas de Napoleão tentavam submeter os reinos da Europa, causando humilhação e pânico, as exóticas terras do continente americano deixaram de ser uma aventura para tornar-se um chamado paradisíaco. A família real portuguesa abandonou o pequeno reino para instalar-se na colônia. No início do século 19, o imaginário românti-

co pintava a exuberante natureza das terras inexploradas como lugar edênico.

É para este país das maravilhas que seguiu uma princesa da Áustria, dona Leopoldina. Arquiduquesa da casa de Habsburg, filha do czar Francisco I. O reino de Portugal apesar de enfraquecido e espremido entre a espada de Napoleão e a indigesta amizade dos ingleses, tinha uma colônia quase tão vasta quanto a Rússia, dizia-se em Viena. Era conveniente fortalecer essa coroa, por meio do casamento de uma Habsburg com o príncipe herdeiro Pedro de Orleans e Bragança.

NOVAS TERRAS – Dona Leopoldina desembarca no Rio de Janeiro com uma delegação formada por diplomatas, naturalistas, músicos, pintores e botânicos: enfim, uma pequena e expressiva mostra do que era a Áustria: o império das ciências e das artes. Desde que lhe foi enviado um retrato do pretendente, a sonhadora Leopoldina apaixonou-se

pela beleza do jovem príncipe. No primeiro encontro, quando os olhares curiosos se perscrutaram e se avaliaram mutuamente, Pedro derramava pelos olhos um riso com sabor e malícia, deixando Leopoldina entre aturdida e excitada. A partir daí, a sensualidade do príncipe, a exuberante espontaneidade da sua gente e a magia do lugar arrebatariam a arquiduquesa, levando-a a vislumbrar a felicidade a ser vivida nessas terras estranhas. Para os olhos de Leopoldina, tudo era abundante; até mesmo a vegetação não obedecia à placidez harmônica das florestas europeias. Árvores e galhos cresciam desordenadamente, enroscando-se uns aos outros, como corpos em volúpia.

É esse largo painel de fatos e sugestões que oferece os motivos para a composição do livro de Gloria Kaiser, *Dona Leopoldina. Uma Habsburgno Trono Brasileiro*. Os seis capítulos tomam de empréstimo os movimentos de uma peça musical: *Largo, Tranquillo, Allegretto*,

*Animato, Forte e Andante con moto.* Os acontecimentos que se precipitam do dia 30 de novembro de 1926 ao dia 11 de dezembro servem de sustentação à narrativa, recorrendo ao *flash-back* como meio constante de recuperar a realidade dos personagens.

– “Alguns emigrantes haviam-se instalado no vale das Laranjeiras. Eram suíços, holandeses e alemães que moravam em fazendas com enormes cafezais e bananais. Leopoldina e Pedro foram convidados para tomar café, havia creme de leite batido



como em Luxemburg, a mesa posta com talheres e guardanapos. Pedro comeu como costumava fazer em casa, com as mãos; quando o criado do comerciante suíço não serviu imediatamente seu copo de vinho, Pedro chutou o negro, mandando-o para fora.” (Pág. 139).

**CHOQUE DE COSTUMES** – A autora confronta os hábitos europeus com os do príncipe de Bragança, que se divertia ensinando à pequena filha a chicotear um negrinho, como forma de exercitar a autoridade. A exemplo do pai, as crianças comiam com as mãos e, quando não gostavam de alguma coisa, jogavam o prato na cara dos criados. O requinte da arte austríaca chocava-se com os costumes da família real portuguesa. Leopoldina pensava em dar outra educação aos filhos e queria encontrar um meio de tornar Pedro menos impulsivo.

Na verdade, Gloria Kaiser mostra que o príncipe herdeiro tinha a mesma edu-

cação de um chefe bárbaro ao conquistar um reino europeu.

– “Da casa do holandês Pedro levou consigo duas jarras de prata que estavam sobre um aparador e que lhe agradavam muito. Considerava isto um direito seu; de acordo com sua educação, ele podia tomar e falar tudo o que quisesse. (...) Da casa do alemão, Pedro levou consigo um vaso de porcelana.” (Pág. 140)

Glória Kaiser, escritora austríaca radicada na Bahia e autora de estudos sobre correntes migratórias de língua alemã no Brasil, divide seu tempo entre Graz, na Áustria, e Salvador. Nesse livro, ela quer reforçar o papel da princesa Leopoldina, enquanto ponto de sustentação das decisões mais acertadas de Pedro, até mesmo no que diz respeito à sua permanência no Brasil e à Proclamação da Independência. O regente da colônia e depois imperador perde o controle da si-

tuação quando deixa de ouvir Leopoldina e José Bonifácio para satisfazer aos caprichos da sua amante Domitila, elevada a marquesa de Santos. A partir daí, a imperatriz é humilhada a ponto de dividir com a amante do marido os mesmos lugares nas recepções e eventos do império.

Mas a rigorosa educação impunha o dever de suportar a tudo pelo bem do País que ela abraçou como a nova pátria. Cedendo cada vez mais, Leopoldina não era, na verdade, a imperatriz do Brasil. Era uma princesa desterrada numa corte de vilões.

Se, a princípio, ela esperava construir na colônia uma civilização exemplar, a partir da independência e da ascensão de Domitila, descobriu que a tarefa era quase impossível.

O quadro traçado a respeito dos costumes portugueses é pesado, embora calado na exposição de fatos. Hábitos considerados pelos europeus como pouco civilizados permitiram que os donos do poder se sentissem no direito de fazer

tudo que tivessem vontade. A troca de favores, a corrupção e a preponderância dos interesses pessoais aos interesses do reino eram práticas comuns entre os funcionários das cortes portuguesas no Brasil. Qualquer cobrador de impostos podia ganhar mais do que o rei. Aquilo que ele cobrava era mais seu do que do Estado.

O livro pode reforçar a concepção daqueles que afirmam que o processo de colonização do Brasil por um país que dependia inteiramente da exploração da colônia determinou o perfil da sociedade. A autora mostra, de um lado, a educação dos príncipes austríacos voltada para o sacrifício pessoal (Leopoldina resignava-se às humilhações que lhe eram impostas pelo destempero de Pedro, porque aprendera, desde pequena, que uma princesa deve obedecer aos interesses do Estado). De outro lado, o despreparo dos príncipes de Bragança e o desconhecimento quase absoluto da noção de dever por parte dos soberanos abririam es-



paço para a falta de ética e a corrupção entre os súditos.

O Brasil Colônia que aparece nas páginas dessa obra é um quadro premonitório do Brasil de hoje. Pedro dispunha de tudo e de todos, da mesma forma que os nossos dirigentes públicos podem usar todos os meios para continuar no poder. A reeleição dos reis e dos viceréis da República traz de volta, em proporções espetaculares, a triste história do clientelismo e do uso do dinheiro público pelos piratas da corte.

AMBIGUIDADE – O livro de Glória Kaiser, *Dona Leopoldina. Uma Habsburg no Trono Brasileiro*, fica a meio caminho entre a biografia e o romance histórico, e essa ambivalência é o seu defeito maior. A autora quer resgatar o que há de verdade interior (não a verdade factual) na vida da princesa da Áustria e imperatriz do Brasil. O epílogo do livro assume a objetividade de um estudo, enquanto os seis capítulos fragmentam o

impacto ficcional do tempo psicológico que rege a narrativa. Conduzido por cortes bruscos de tempo e lugar, o leitor começa a assumir a lógica da ficção, quando as transcrições documentais, substituindo o diálogo, remetem a uma outra lógica – mais cartesiana. Num momento estamos diante da apresentação dos fatos, em outro somos convidados à discussão de ideias. O texto oscila entre a função poética da linguagem e a reflexão científica, passando da livre fluência da narrativa ao formalismo da exposição conceitual.

De repente, não mais se tem certeza dos fatos: Verdadeiros? Inverossímeis? Algumas transcrições, de documentos ou de inventos da memória, sugerem a pesquisa histórica; outras revelam o descompromisso da fantasia. Além disso, a pontuação, marcada pela avareza, cria frases longas e demasiadamente soltas.

Uma assustada Leopoldina, perdida na floresta e protegendo as filhas do aguaceiro e da noite, é salva pelos índi-

os. Adiante, a princesa sozinha, desce do cavalo e senta-se na calçada, por onde passam escravos, vendedores, alforriados e bêbados. Toda uma gente comum.

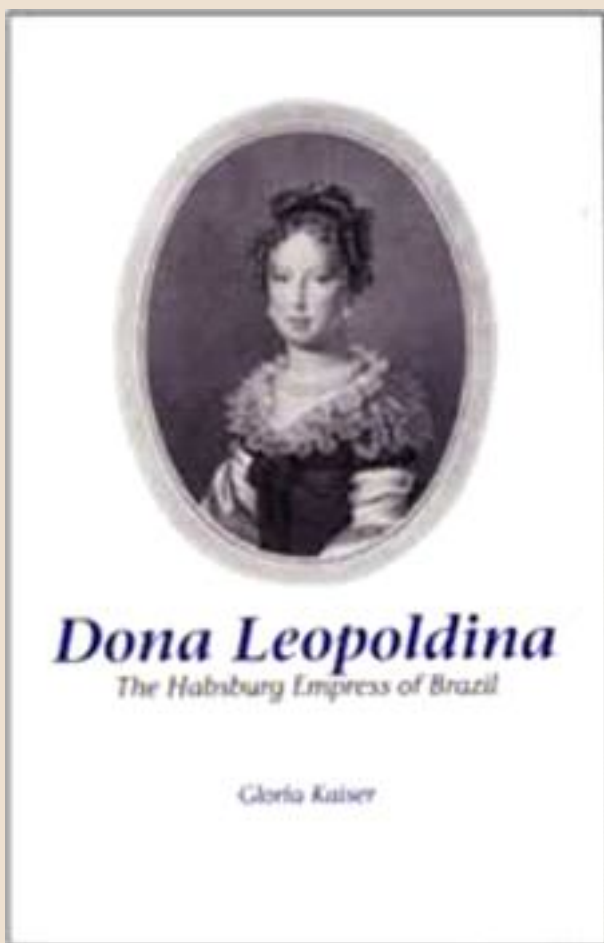
Na página 20, uma cena de composição folclórica para o olhar do turista salta às vistas do leitor:

– “Ela achou Madame Goufferteau imediatamente; a praça da igreja está cheia de mães-de-santo. Os grupos de meninas cochicham e riem baixinho; trocam-se amuletos, vendem-se ervas e condimentos. Em troca de um brinco roubado da patroa qualquer uma dispõe-se a perguntar os endereços à Zeladora de Santos, Ialorixá. Uma missa negra ou branca é muito cara, as mães-de-Santo ficam sentadas, escondidas atrás de rolos de fumaça, queimam madeiras e ervas amaldiçoando, espantando maus espíritos, abençoando pessoas. Todas as pragas, desejos e amuletos prometem paixões desenfreadas – do mesmo

modo é com os santos. Leopoldina achava que aquilo só existia em livros.”

INGENUIDADE – Mesmo a autora explicando ao leitor que, baseada em “pesquisas meticulosas, essa vida (a vida de d. Leopoldina) só pode ser explicada de modo criativo”, a questão não se resolve. A criatividade, às vezes, apresenta-se ingênua demais para o material histórico que serve de base. Se, de um lado, Gloria Kaiser consegue pintar em muitas cenas do livro um retrato da sua Leopoldina, a figura de mulher inteligente e sensível perdida num meio grosseiro; de outro lado, o retrato é desfocado. As tintas de algumas cenas do afresco se confundem ou se perdem nos esboços mal resolvidos. A sensação do leitor é de que há uma nítida incompatibilidade entre ficção e pesquisa no texto do livro.

Em certos momentos, quando o relato fica confuso, a exemplo do esgalhar-se desordenado da floresta tropical, o tex-



to lembra um conjunto rico e não suficientemente trabalhado de material bruto. É como se a costura de fatos reunidos por Gloria Kaiser estivesse à espera de uma linha capaz de unir os pontos e fazer aparecer o bordado.

Faltaria à autora o domínio do discurso de ficção? Ou o seu ambicioso projeto levaria demasiadamente longe o teor fragmentário da narrativa pós-moderna? Em algumas propostas da pós-modernidade, as propriedades de síntese e compreensão conclusiva ficam suspensas. A fragmentação do sentido já presente na literatura moderna, ressurgiu como marca de identidade. Mas essa segunda hipótese não é reforçada pelo texto do livro, que sugere a condição de um trabalho por concluir. Para pintar tão vasto painel precisa-se de mais tinta.

Diante do quadro efetivamente expressivo pintado pela pesquisadora para constituir essa obra que tem como ponto de sustentação a influência da duquesa nas decisões acertadas de D. Pedro, resta uma indagação final:

Estamos falando de um romance ou de um ensaio que se vale da escrita ficcional, para melhor atingir o objetivo de enredar o leitor?

Na segunda hipótese aventurada, os reparos perdem sentido. Gloria Kaiser poderia, simplesmente, ter projetado seu ensaio para usar toda a liberdade imaginativa desejada – indo além dos estreitos caminhos do texto acadêmico gasto pela tradição.

[linguagens.ufba.br/2021/leopoldina.pdf](http://linguagens.ufba.br/2021/leopoldina.pdf)

---

ARQUITETURA DO FRAGMENTÁRIO: HISTÓRIA RESGATA PAPEL POLÍTICO DA PRINCESA. Artigo sobre o livro *Dona Leopoldina. Uma habsgurg no trono brasileiro*, de Gloria Kaiser. *O Estado de S. Paulo*, caderno 2. São Paulo, 8 nov. 1997, p. 7.